

ABRIL DESPEDAÇADO: (KANUN) UM CÓDIGO MORAL DAS MONTANHAS ALBANESAS, VISÃO ANTROPOLÓGICA ENTRE O PASSADO E O PRESENTE.

Ruan Conrado Guilherme*
Iohanna Maria Severo de Sá**

REFERÊNCIA DA OBRA: KADARÉ, Ismail. Abril despedaçado. 1ª Ed - Brasil: Companhia de Bolso, 2017.

A obra "Abril Despedaçado", escrito por Ismail Kadaré, começa retratando uma das regras do código Kanun, que muito se parece com o código de Hamurabi, 'olho por olho e dente por dente', que no caso seria a cada pessoa assassinada em uma família, tal família enlutada teria que matar uma outra pessoa da família do assassino. A história se passa na Albânia, entre as montanhas, em que a cidade é claramente dividida em duas, de um lado uma região que segue os costumes e obrigações que o código Kanun impõe, e de um outro lado, as pessoas que seguem o regimento normal do seu país, como o Brasil segue a Constituição Federal.

O comum dos livros e filmes é ter um personagem principal, que narra e atua toda a história, fazendo com que o leitor ou telespectador entenda a narrativa que o autor se propôs a fazer. Só que nesse livro o Kadaré inovou quanto ao protagonista, e deu esse papel ao código Kanun, que é um código moral e de conduta que rege a vida da população camponesa da Albânia que o segue rigidamente, como praticamente fosse uma imposição ditatorial.

O fato principal acontece com o personagem chamado Gjorg, que vingou a morte do seu irmão, e a pessoa assassinada (Zef Kryeqyq) não poderia ser morta de qualquer forma, uma das regras era que só poderia ser morto por arma de fogo, depois de o ter matado, o corpo não poderia ficar jogado de qualquer forma no chão, teria que virá-lo de frente, e a cabeça do morto tinha que ficar apoiada no fuzil que ele carregava. Caso ele não tenha feito tal ritual: "O Kanun previa a perturbação que um matador experimenta e permitia que se pedisse a um passante que fizesse o que devia ser feito. Mas deixar o morto de bruços e a arma longe do seu corpo era uma desonra imperdoável." (KADARÉ, 2017, p. 07).

* Graduando em Direito; Universidade Regional do Cariri – URCA.
Endereço eletrônico: ruanconrado@outlook.com

** Graduanda em Direito; Universidade Regional do Cariri – URCA.
Endereço eletrônico: iohannasa@hotmail.com

Justificativa: Esta resenha crítica do livro 'Abril Despedaçado' serve para mostrar diferentes maneiras de agir de uma dada sociedade, e serve também para exemplificar a importância de estudá-las, como um fator social, cultural, envolvendo a antropologia e a circunscrição do mundo jurídico.

Após o acontecido, Gjorg e sua família deveria participar do sepultamento e do almoço fúnebre como previa o Kanun, como uma forma de respeito à família enlutada. Durante tal procedimento Gjorg pede a “Bessa”, que era um tempo de trégua entre as famílias até que novamente o ciclo continuasse a acontecer. Tal bessa foi concedida a Gjorj, e ele teria 1 (um) mês de espera até a sua morte, começando a contar a partir do dia 17 de Março, até 17 de Abril, e é justamente essa bessa que intitula o livro Abril Despedaçado.

Vale ressaltar que a lei que dá vida ao livro não rege apenas as famílias, se uma delas estiver recebendo um amigo/visita em sua casa/terreno, essa pessoa estará sobre a tutela do anfitrião, e caso ela venha a falecer dentro do raio do seu território, tal família deveria vingar o sangue dela, porque estavam responsáveis em proteger o(a) visitante. Essa dívida de sangue é que gera o ciclo interminável de mortes, porque cada família quer cobrar a dívida que lhe cabe e nenhuma delas quer deixar a tradição que o Código Kanun impõe.

A vendeta que é falada durante o livro, é o nome que se dá a essa cobrança, literalmente, do sangue de um membro do outro lado:

Um ano e meio depois que o irmão morrera, a mãe por fim lavara a camisa que o desgraçado vestia naquele dia. Durante um ano e meio ela estivera pendurada, tinta de sangue, no andar superior da casa, como exigia o *Kanun*, à espera do momento de ser lavada, após a vingança. Dizia-se que quando as manchas de sangue na camisa começavam a amarelar, era indício seguro de que o morto se sentia atormentado pela demora da vendeta. (KADARÉ, 2017, p. 13)

Como dito na citação a cima, a camisa do morto era estendida no varal, que servia para mostrar que já estava na hora de cobrar a vendeta quando ela estivesse amarelando, e que o morto só descansaria quando a dívida de sangue fosse cobrada.

Gjorg acabara de cobrar a dívida; um outro ritual que deve ser seguido é o qual ele tem que usar uma braçadeira preta no braço, que lhe marcava como o próximo que seria morto, e toda a cidade olha para ele com esse pensamento de que está com os dias contados. O seu personagem é bastante ativo, porque é justamente ele que sente na pele e carrega a peso das consequências dessa cultura que é estar marcado para morrer.

Depois de conseguir a bessa, ele tem 1 (um) mês inteiro para fazer o que quiser, antes de cumprir a sua destinação. Ele estava noivo, por um casamento arranjado no qual nunca vira o rosto da futura noiva, mas não deu tempo, ela adoeceu e com as complicações de tal doença findou falecendo. Gjorg não achava justo se relacionar com uma outra pessoa durante esse período porque já estaria prestes a partir, e também não queria desonra-la, deixá-la livre era o melhor caminho a seguir, e seria mais fácil dela arranjar um marido e não ficar malvista pela cidade albanesa.

Nesse período ele foi ver as montanhas uma última vez e aproveitar para pagar uma quantia em dinheiro para um “feitor do sangue”, basicamente um tributo, e durante o caminho ele se perde, porque é de difícil acesso, sem falar no frio que enfrenta,

encontra uma estalagem que serve comida, se alimenta e continua o seu caminho. Acha o local em que a tributação deveria ser entregue, e ao adentrar encontra mais 3 pessoas que foram fazer o mesmo, e que também estão marcadas para morrer, novamente ele se alimenta e segue o caminho de volta para casa, (o tempo de caminhada é longo, tanto de ida como de volta) o tempo corre depressa, ainda mais para Gjorg que achava que o mês de abril se arrastava muito e demorava a passar.

Gjorg sentia seus passos se apressarem na mesma medida em que os castigos afluíam, como se dessa maneira pudesse escapar deles. Havia todo tipo de punições. O isolamento, ou *lëçijta*, como rezava o *Kanun*, em que a pessoa era afastada para sempre do convívio de todos, excluída dos funerais, dos casamentos e do direito de tomar farinha emprestada. O impedimento de cultivar as próprias terras, combinado com a derrubada das árvores do pomar. A imposição de jejuns, extensivos à família. A proibição por uma ou duas semanas do porte de armas, nas mãos e na cintura. O acorrentamento e a prisão dentro de casa. A destituição do dono ou da dona da casa de seu poder sobre a família. (KADARÉ, 2017, p. 26)

No caminho de volta entra mais 2 personagens na trama, Bessian e Diana. Bessian é um escritor inglês apaixonado pela codificação Kanun, na qual ele também a usa de pano de fundo das suas obras, em que na sua lua de mel, leva a sua esposa Diana, para juntos conhecer de perto as montanhas e a cultura dos albaneses. Durante a leitura do livro fica clara a ideia romantizada que Bessian tem sobre o Kanun, por ele estudar sobre o tema ele não consegue se dissociar do fato para o pesquisar imparcialmente, que é o que acontece com a Diana, ela começa a conhecer o contexto de acordo com o que seu marido lhe contara durante a viagem com destino a Albânia.

Durante as conversas Diana fica tocada com tais histórias e começa a questionar o código moral, que na verdade se baseia em outros códigos, mas que tem um diferencial que é a vingança, como citado anteriormente. E esses seus questionamentos são válidos porque é sobre vidas humanas, e sobre a sua importância e as motivações fúteis em que são baseadas.

Com o decorrer da viagem, Bessian avista um rapaz com uma tarja preta no braço, e empolgado, mostra a Diana, o rapaz era Gjorg que voltava das montanhas. Diana continua fazendo perguntas ao seu marido, ela olhou fixamente para Gjorg, e ele fez o mesmo, Diana não conseguia parar de olhá-lo, não disfarçava o seu interesse em reencontrá-lo, mas Bessian não percebe e acha bom o seu interesse por suas conversas.

O Código Kanun que dá vida à história, é totalizante, ou seja, ele abarca tudo que envolvia a vida das pessoas, desde a vida econômica, amorosa, moral, judicial, de vida e morte e entre outros. Era uma espécie de constituição, retrógrada, mas que estava funcionando para aquela dada população, e a sua positividade era legal e vigente entre eles.

Voltando um pouco na história, tem o personagem do Mark que como já foi falado, ele é o feitor do sangue, é a pessoa que cuida da contabilidade das vendetas, em

que a sua função é estimular que as dívidas sejam cobradas. Ele tem tudo anotado em um caderno, especificando as vendetas que já foram cobradas e as que ainda não foram cobradas, e essa estipulação era feita de vila em vila, tal papel era importante porque toda vendeta envolvia um tributo, igual ao que Gjorg pagou, e isso interessava a Casa de Orosh que era quem detinha o poder do Kanun. Tal ação lembra muito o sistema feudal, em que o patrão doava um pedaço de terra para o empregado plantar e morar, mas no final do mês deveria pagar uma porcentagem da produção total, e que também seria um ciclo vicioso, que beneficiava muito o patrão, detentor de todo o poder.

Depois que Gjorg paga o tributo, encontra Diana e volta pra casa, a moça recém-casada não sai de sua cabeça e o sentimento é recíproco. Então decide voltar a procura dela já que não tem mais tanto tempo assim. Porque ele deve voltar antes que a bessa acabe.

Durante o caminho naquela estrada fria, onde não tinha uma noção exata da hora, mas com um fleche de luz do sol identificou ser meio-dia em ponto, e já não podia mais continuar andando naquela estrada principal, porque já era dia 17 de abril e a bessa acabava exatamente ao meio-dia. Seguiu em direção da estrada que Diana possivelmente passaria pela última vez, mas não deu tempo, ele fora atingido por uma arma de fogo, e não conseguia acreditar que aquilo tudo estava acontecendo. Sentiu os rituais do Kanun serem feitos conforme as regras.

Diante do exposto sobre o livro “Abril Despedaçado”, do Ismail Kadaré, dá para relacionar a violência da época com o atual contexto de violência, porque hoje é algo corriqueiro, os noticiários, os canais policiais ou a internet, várias pessoas terão acesso a fatos de crimes que ocorreram e ocorrem diariamente por motivos torpes, brigas de bar que por conta de um troco de 1 real acaba em um homicídio e que se estende a pessoas que não teriam nada a ver com a briga.

O código Kanun é cruel e ultrapassado, justamente pela ideia de que violência gera violência, e a narrativa do livro é basicamente essa, já levando em conta o direito positivo dos dias de hoje, tal prática não é permitida, mas não quer dizer que não acontece, até porque existe casos no nordeste brasileiro, em que famílias ainda hoje praticam a vendeta, e é considerada uma terra sem Estado porque o mesmo não consegue intervir nessa situação.

Contudo, o livro serve para mostrar diferentes maneiras de agir de uma dada sociedade, e serve também para exemplificar a importância de estudá-las, como um fator social, cultural e como algo humano que deve ter uma compreensão das diversas formas de convívio e conflitos, e o estudo da antropologia permite esse contato mais profundo que envolve as relações humanas de ontem, de hoje e de amanhã.